

Condição humana contra "natureza": diálogo entre Adriana Cavarero e Judith Butler

Selvino J. Assmann
Universidade Federal de Santa Catarina

A retomada de um tema clássico – o da existência ou não de uma natureza humana, ou se devemos preferir falar de uma condição humana, ou então defender que todo humano é simplesmente algo construído historicamente – serve de pano de fundo para este diálogo entre duas filósofas: a norte-americana Judith Butler (1956) e a italiana Adriana Cavarero (1947), ainda pouco conhecida no Brasil, mas cuja obra filosófica, centralizada na problemática política, se constitui em voz importante na discussão histórico-filosófica da relação entre homens e mulheres, sobretudo no que se poderia chamar de "teorias euro-latinas do feminino". Nessa perspectiva, ela sustenta não só que a diferença homem/mulher é a mais básica e essencial diferença da humanidade e, por isso, origem e base de todas as outras divisões (econômicas, culturais, religiosas, nacionais...), mas também que o fato de "estar engendrada na diferença é algo não negociável: para cada uma que nasceu fêmea, já é sempre assim e não de outra forma, enraizar-se em seu ser não como algo supérfluo ou algo mais, mas como aquilo que ela necessariamente é: fêmea".¹

Cavarero, depois de ter trabalhado na Universidade de Pádua, atualmente é docente de Filosofia Política da Universidade de Verona. Foi fundadora da Comunidade

Copyright © 2007 by Revista Estudos Feministas

¹ CAVARERO, A. "L'elaborazione filosofica della differenza sessuale". In: MARCUZZO, M. C.; ROSSI-DORIS, A. (Orgs.). *La ricerca delle donne. Studi femministi in Italia*. Torino: Rosenberg, 1987. p. 173 et seq.

filosófica feminina chamada *Diotima*, transformando essa personagem feminina de *O banquete* de Platão em símbolo para uma reflexão crítica sobre a primazia do homem na tradição filosófica ocidental. Adriana Cavarero questiona essa tradição marcada pela perspectiva identitária de Platão, o que acarretou, como se sabe, o cancelamento da individualidade do sujeito em favor de uma definição universal do ser humano, ou melhor, do Homem, estabelecendo assim a primazia do abstrato sobre o narrado, o concreto, o particular e único. Ao fazer uma espécie de desconstrução do texto ocidental de um ponto de vista feminista, visitando para isso o pensamento antigo, além do moderno e contemporâneo, a autora italiana inspira-se sobretudo nas categorias mais inovadoras trazidas por Hannah Arendt, de quem se tornou importante estudiosa internacional: não existe o Homem, mas existem seres humanos únicos, plurais, corpóreos, sexuados, e irrepetíveis. Uma das contribuições de Cavarero é precisamente esta: de trazer, também ela, para dentro do debate filosófico e político, a questão de gênero – o que, aliás, ainda acontece muito pouco no Brasil – e fazê-lo usando as categorias de Arendt. Ela mesma faz questão de dizer que seu pensamento defende “a unicidade viva de um eu que se gera nas *relações plurais*, concretas e corpóreas, com os outros seres humanos”, contrapondo-se dessa maneira não só à “solitária abstratidade do sujeito filosófico”, mas também à “impredivível fragmentação pós-moderna”. A atividade de Cavarero é intensa também enquanto participa diretamente de debates em vários países europeus, e enquanto já é presença conhecida no debate norte-americano, tendo sido recentemente *Visiting Professor* nas universidades de Harvard, de Berkeley, de Santa Barbara e de New York.

Além dos muitos ensaios publicados em revistas e obras coletivas, Adriana Cavarero é autora dos seguintes livros: *Nonostante Platone*. Roma, Riuniti, 1990 (*In Spite of Plato*, Cambridge, Polity, 1995); *Corpo in figure. Filosofia e politica della corporeità*. Milano, Feltrinelli, 1995 (*Stately Bodies*. Chicago, Michigan University Press, 2004); *Tu che mi guardi, tu che mi racconti. Filosofia della narrazione*. Milano, Feltrinelli, 1997 (*Relating Narratives*. London, Routledge, 2000); *A più voci. Filosofia dell'espressione vocale*. Milano, Feltrinelli, 2003 (*For More than One Voice*. Stanford, Stanford University Press, 2004). O seu último livro, *Orrorismo. Ovvero della violenza sull'inerme* (*Horrorismo. Ou então da violência sobre o inerme*, 2007), cria o neologismo “horrorismo”, violência sobre os inermes, que se separa do Estado, uma espécie de “crime ontológico que excede a forma organizada do simples assassinio”, para o distinguir de terrorismo, violência de Estado. É o horrorismo a forma atual de se dar a banalidade do mal. Isso se torna mais um motivo para que ela sustente teoricamente, na companhia de Judith Butler (cf., por exemplo, *Precarious Life*. New York and London: Routledge, 2004), uma condição humana marcada pela “ontologia da vulnerabilidade”, vulnerabilidade física e corpórea, que nos deveria conduzir à responsabilidade

coletiva pela vida corpórea uns dos outros, o que pode constituir uma espécie de ética mínima universal.

Agradecemos muito à imediata e simpática aceitação do convite que fizemos a Adriana Cavarero para permitir a publicação da tradução portuguesa do diálogo que ela manteve com Judith Butler sobre a existência de uma natureza humana ou de uma condição humana. Ao mesmo tempo agradecemos a ela por ter facilitado a permissão por parte da redação de *Micromega*, que publicou originalmente o texto. Aliás, vale a pena reiterar que *Micromega*, revista de grande divulgação na Itália, se tornou um lugar privilegiado para a discussão pública do problema da existência ou não de uma natureza humana, a ponto de neste ano (2007) já terem sido publicados mais dois números da revista sobre o tema (existe ou não natureza humana?), reunindo no debate filósofos, teólogos, cientistas de diferentes áreas, incluindo, obviamente, biólogos. Trazer para dentro desse debate a questão de gênero: talvez seja este mais um mérito do diálogo entre Butler e Cavarero que aqui se publica. Devem-se também ao interesse de Adriana Cavarero – e agradecemos mais ainda a ela – o acesso e o direito de publicação do artigo de outra intelectual italiana, Olivia Guaraldo, também estudiosa de Hannah Arendt, e tradutora de Judith Butler e de Hannah Arendt para o italiano.